

## MORADIA E MOVIMENTOS SOCIAIS NO CERRADO GOIANO – CARTOGRAFIA DE UMA PAUTA COLETIVA<sup>1</sup>

Ana Carolina de Oliveira Marques  
Universidade Federal de Goiás  
[carol.geografia@hotmail.com](mailto:carol.geografia@hotmail.com)

Eguimar Felício Chaveiro  
Universidade Federal de Goiás  
[eguimar@hotmail.com](mailto:eguimar@hotmail.com)

**RESUMO:** A questão da moradia compõe a pauta de movimentos sociais nos campos e nas cidades brasileiras. A precariedade das construções, o aumento da violência, o alto custo dos aluguéis e outros fatores locacionais sugerem um colapso da vida nas metrópoles que, junto aos crescentes índices de desemprego, coloca o campo como um espaço de vida cada vez mais considerado pelos sujeitos. Todavia, essa reconfiguração espacial tende a acontecer de maneira conservadora. Valores, hábitos, costumes ganham passagem em objetos e espaços reformados, contribuindo muitas vezes à manutenção das ordens sociais hegemônicas, o que exige dos coletivos de luta a suspeição frente a conceitos, usos, objetos, saberes, ações atreladas a práticas sociais “naturalizadas” – a exemplo da moradia. Estudos, em diferentes campos do conhecimento, apontam: ocorre um processo de financeirização da moradia, acompanhado da expansão da “fórmula arquitetônica moderna” nos territórios e da difusão de uma cultura do morar centrada no consumo. A tríade de teses reclama a compressão multiescalar da moradia nos tempos atuais. Este parece ser o ponto de partida para a composição de uma pauta coletiva da questão da moradia no Cerrado Goiano, na qual sejam resguardadas as particularidades econômicas, culturais, políticas e ideológicas dos grupos sociais tangenciados.

**Palavras-chave:** Moradia. Movimentos sociais. Cerrado Goiano. Pauta coletiva.

**ABSTRACT:** The housing question is part of social movement’s agenda in both in Brazilian countryside and in its cities. The precarious state of construction, the hike in violence, the high cost of rent and other location-related factors suggest a collapse of the metropolitan life, and along with growing unemployment figures, it places the countryside as an ever more appealing living space for subjects. However, this special reconfiguration tends to take place in a conservative manner. Values, habits and customs gain ground in refurbished objects and spaces, often contributing to the upkeep of hegemonic social orders. Which demands suspicion from social fighting groups towards concepts, practices, objects, knowledges and actions tied to “naturalized” social practices – as is the case with housing. Studies, in different fields of knowledge, point that: we witness a process of financial perversion of housing, along with the expansion of the “modern architectural standard” in territories and the diffusion of a housing culture centered around consumption. The triad o thesis preaches the multi-layer understanding of modern day housing. This seems to be the starting point to the elaboration of a collective agenda for housing in the Cerrado Goiano, in which tangent social groups’ economic, cultural, political and ideological particularities are protected.

---

<sup>1</sup> Este artigo resulta do projeto de pesquisa “Morada como unidade de análise geográfica: pressupostos teóricos e metodológicos de uma cartografia existencial”, coordenado pela autora e em execução no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás/Campus Itapuranga.

## Building the way

**Keywords:** Housing. Social Movements. Cerrado Goiano. Collective Agenda.

### **Introdução**

Frente ao debate das políticas habitacionais implementadas no Brasil, em mesa redonda no “III Colóquio Habitat e Cidadania: habitação no campo, nas águas e nas florestas<sup>2</sup>”, o literato e liderança indígena, Ailton Krenak, contrapôs-se à sujeição dos movimentos sociais ali representados, à concepção de moradia veiculada nas políticas públicas. Segundo Krenak, ao restringir a moradia à casa, nega-se as formas de existir de grupos sociais, a exemplo dos indígenas. Para os quais, a moradia ultrapassa os limites físicos da construção: abarca as rotas de caça e coleta de alimentos, os lugares ritualísticos, os territórios coletivos. A moradia se equivale ao *habitat*, estendendo-se a florestas, matas, campos, águas, montanhas, cavernas.

Na ocasião, krenak reivindicara a revisão do conceito de moradia centrado no objeto. As entrelinhas de seu discurso sugeriam uma moradia apregoada a partir do sujeito que mora e do ato de morar.

As diferentes concepções de moradia, pautadas no debate, evocam as seguintes questões: é possível compor uma pauta coletiva da moradia junto aos movimentos sociais atuantes em território do Cerrado Goiano? Se possível, quais seriam os princípios norteadores?

Para subsidiar as reflexões, valeu-se de bibliografia reunida na execução do Projeto de pesquisa “Morada como unidade de análise geográfica: pressupostos teóricos e metodológicos de uma cartografia existencial”, também notas, artigos e entrevistas realizadas com representantes de movimentos sociais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e o Movimento Camponês Popular. No caso do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), as informações foram obtidas por meio de cartilha elaborada e disponibilizada em formato digital<sup>3</sup>.

A chamada para uma pauta coletiva exigiu o tratamento teórico de assuntos como a inserção do Cerrado Goiano no jogo geopolítico contemporâneo, as lutas sociais emergentes, a financeirização da moradia e a captura da subjetividade na experiência do morar. Assuntos que, embora remetam a escalas/conteúdos distintos, correlacionam-se no desvendamento do projeto de moradia em curso.

---

<sup>2</sup> Universidade de Brasília – Brasília(DF), 12 a 15 de maio de 2015.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.mtst.org/linhaspoliticasorganizativas.pdf>

## Building the way

### **O mundo do Cerrado**

Em outra oportunidade, no formato de capítulo de livro (MARQUES e CHAVEIRO, 2015), lançamos algumas reflexões acerca dos fenômenos sociopolíticos que transcorrem no Cerrado, transformando-o em território, ou seja, em espaço disputado por diferentes atores com diferentes fins. Alcançar tal compreensão exige, antes, que se entenda o “lugar” que este território ocupa na economia nacional e internacional. Isto quer dizer: ler o Cerrado como expressão da multiface do Brasil contemporâneo, dadas as contradições que sua inserção na geopolítica mundial implica.

Reconhecemos uma ação local vinculada à construção de infraestrutura, ao aquecimento do mercado interno e à estratégia de indução de consumo direcionada à grande parte da população; e uma ação externa, na qual o Estado tem papel fundamental: favorecer as grandes corporações na captura de riquezas primárias, minerais e também na construção de grandes eventos.

Alguns autores chamam esse processo de “novo desenvolvimentismo”, com primazia do crescimento econômico. Espacialmente, mantêm-se as relações desiguais entre as classes sociais e a divisão regional do trabalho. Esse contexto favorece a disseminação da violência no tecido social e a desarticulação de referências simbólicas necessárias à produção de sujeitos “maleáveis” ao funcionamento do mercado.

Assiste-se, assim, à financeirização da pobreza, requisito para a manutenção da taxa de emprego – e desemprego – que tornam as cidades instáveis. Também o financiamento da oligopolização da economia. Isso tudo gera uma nova pressão sobre o território nacional. Movimento que rebate no Cerrado, expresso nas paisagens formadas por usinas hidrelétricas, aeroportos, rodovias grandiosas, ferrovias e universidades. Enfim, a era dos grandes projetos.

O Cerrado goiano, como “célula” desse tecido mais amplo que o é o Cerrado brasileiro, apresenta as suas particularidades. Haja vista a (re) estruturação espacial iniciada no começo do século XX, cujos marcos são a construção de Goiânia e Brasília. Complementam essa “estrutura” espacial os municípios do agronegócio. Do outro lado, o Norte e Nordeste goiano se distanciam de tais centros de produção econômica e núcleos de poder político. Há também o pressionamento das terras indígenas, quilombolas, a expulsão da juventude camponesa, o “inchaço” dos grandes centros, a desarticulação da produção camponesa, a violência urbana e o desequilíbrio nas condutas emotivas dos sujeitos.

## Building the way

Todavia, às ofensivas que se impõem verticalmente e disseminam horizontalmente aos povos de maior vulnerabilidade social e econômica, impõem-se também resistências de todas as ordens: no plano da sexualidade, das relações de gênero, relações raciais, na arte, no campo da moradia etc.

### **Moradia, Habitação e Casa**

Não só no Cerrado Goiano, o movimento de expansão das fronteiras agrícola, petroleira, mineira, florestal (SVAMPA, 2010) se expande nos territórios latino-americanos. Se o pós-ditadura fora o momento de abertura de mercados, primarização da economia e reforma jurídica que contemplasse as grandes corporações, o estágio atual é de conquista dos territórios longínquos – e subjetividades.

Os grandes projetos de engenharia, os desmatamentos, a expansão dos latifúndios via arrendamento da terra. Despejos, deslocamentos populacionais, surgimento de novas cidades e assentamentos rurais. Acontecimentos que colocam em evidência um dos direitos sociais previstos no artigo 6º da Constituição Federal (1988): o direito à moradia.

Citada por oito vezes no texto constitucional, a moradia é colocada frente às políticas urbanas, agrícolas e de reforma agrária.

A concepção de moradia como direito se destaca também nas redes sociais. No blog<sup>4</sup> do jornalista e ex colunista da Folha de São Paulo, Luiz Nassif, a palavra moradia fora citada 25.400 vezes. Dentre as ocorrências, são comuns expressões como “auxílio-moradia” e “direito à moradia”. Mas de que matéria é composto esse direito fundamental à cidadania? O que efetivamente se entende por moradia?

O texto de autoria de Lilian Milena (agosto de 2015) informa: “Movimento por moradia reúne 5 mil pessoas no centro de São Bernardo, neste domingo”. Inicia-se a matéria:

*Famílias querem ser atendidas pela 3º edição do MCMV [Programa do governo federal Minha casa, minha vida], prevista para ser anunciada pelo governo em setembro. Cerca de 5 mil pessoas se reuniram neste domingo (30) na região central da cidade de São Bernardo atrás do sonho da casa própria.<sup>5</sup>*

---

<sup>4</sup> Blog GGN. Endereço eletrônico: <http://jornalggm.com.br/>.

<sup>5</sup> O texto na íntegra está disponível em: <http://jornalggm.com.br/noticia/movimento-por-moradia-reune-5-mil-pessoas-no-centro-de-sao-bernardo-neste-domingo>.

## Building the way

Os enunciados apontam a correspondência imediata entre moradia e casa. Esta, circunscrita ao regime de mercado – a “casa própria” –, equivale à mercadoria. Logo, depara-se com a expansão de uma leitura economicista da moradia.

Para compreender o processo de submissão da moradia à lei do mercado, e definir contraposições, estudiosos têm recorrido à teoria da acumulação. É o caso da arquiteta e ex relatora da ONU-HABITAT, Raquel Rolnik (2015), cuja tese sistematizada em seu último livro<sup>6</sup> enuncia a moradia como o novo ativo financeiro do capital.

A leitura de Rolnik, próxima ao campo da economia política, prioriza a FUNÇÃO da moradia no estágio atual do capitalismo. Diria Milton Santos (2009): a arquiteta revela a “idade social” do objeto, seu sentido num determinado espaço-tempo.

Na escala macro política, moradia e habitação se fundem. Habitação passa a compor nomes de políticas, planos, bancos, programas governamentais que mediam a intervenção pública e privada nesse campo.

A habitação, concebida pelo viés econômico, torna-se ponto de pauta obrigatório no planejamento urbano e no ordenamento territorial. Aliás, o território se eleva à categoria-chave na discussão.

A redução da moradia à habitação ultrapassa a esfera política-governamental, é também compartilhada por grande parte dos atores territoriais contra hegemônicos. Por isso, a provocação de Krenak outrora mencionada.

A ressignificação da moradia pelo conceito de casa/residência/habitação vem acompanhada por outro movimento: a difusão de novos hábitos, comportamentos, significados da experiência do morar.

## **O habitante**

Valendo-se da teoria dos sistemas de objetos e ações de Santos (2009), afirma-se: morador e morada se constituem, mutuamente, na ação do morar. Em outras palavras, o morador se faz na experiência do morar.

No blog outrora mencionado, há 4.480 ocorrências da palavra “morador”. A maioria se refere aos moradores de rua. Um de seus sinônimos – habitante –, citado 43.200 vezes no mesmo blog, é empregado noutro contexto: compõe índices de classificação do tamanho das cidades, da densidade populacional, dos níveis de criminalidade, de distribuição

---

<sup>6</sup> Vide referências ao final do texto.

### Building the way

de renda. Vê-se, a princípio, uma distinção escalar e de sentido, que pressupõem o morador sem casa e reduz o habitante a número.

O morador de rua, ao construir uma morada móvel, coloca em suspeição também a noção clássica de lugar (ancorada à noção de pertencimento) na tradição geográfica. Ao morador de rua do tipo “trecheiro”, o sentimento de “desarraigamento” é condição de vida e mobilidade. Ele é, como afirmam Preve e Schulze (2014), um desterritorializado por excelência.

Se o sentido de lugar é outro ao morador de rua, também o é para o sujeito contemporâneo que vive, sobretudo, nas grandes cidades. A ele – chamaremos de “habitante global” – o lugar é alheio à própria existência. Nessa condição, não se reconhece sujeito histórico, responsável pelo mundo que habita.

A separação dos espaços e seus tempos, ou dos lugares e suas histórias, segundo Echeverri e Arias

representa en la época contemporánea una de las mayores crisis de la civilización, pues al estar en un lugar pero no conocer sus historias no existen vínculos afectivos con el; es decir no existe nada que nos guste o disguste de ese espacio como para tener una mirada, un sentir y un lugar de arraigo que lo convierta en hogar, en hábitat, no existe nada que nos motive a actuar y transformarlo, se vuelve un lugar desierto de sentidos y afectos, un espacio vacío de vida. (2014 p. 29).

A perda de sentido do morar, experimentada pelo habitante global que vive a casa como dormitório, “bem imóvel” e distintivo social, é efeito das transformações no mundo do trabalho e da ordem que ressoa pelos cantos do mundo: CONSUMA.

Nesse projeto do morar para o consumo, o cinema norteamericano desempenhou papel fundamental:

Hollywood, máquina perfeita na divulgação da maneira de morar americana, que incluía eletrodomésticos, automóvel, o marido no papel do forte, inteligente, lógico, consistente e bem-humorado provedor, e a esposa, no da intuitiva, dependente, sentimental, auto-sacrificada, mas sempre satisfeita gerenciadora de uma habitação impecavelmente limpa, agora elevada à categoria de bem de consumo (TRAMONTANO, 1998, p.1).

Tais normas de conduta, veiculadas na “mundialização morar”, necessitam que os objetos lhes deem passagem. Condição da qual Santos (2009) se valeu para enunciar o “objeto-ator”: aquele que aponta comportamentos, que predetermina condutas individuais e coletivas.

Cada vez menos subordinados aos sujeitos do uso, os objetos são programados para contribuir na reprodução do sistema do qual fazem parte. Inclusive, comunicarem-se com

### Building the way

outros objetos. O que Rolnik (1985) chamou de “fórmula arquitetônica moderna” ilustra bem essa relação: a garagem e o automóvel, a cozinha americana e a demanda por eletrodomésticos compactos de alta tecnologia, a inacessibilidade dos espaços da casa aos portadores de deficiências.

Os arranjos espaciais concatenam-se, pois, aos comandos da ordem social hegemônica: a exclusão social, o individualismo, o consumo, a adesão compulsiva à tecnologia.

Santos (2009, p. 218) adverte que “os objetos em si carregam informações puras e somente adquirem uma informação definida, informação ‘momentual’, quando utilizados, isto é, preenchidos e animados por eventos”. Eventos estes, que reclamam o conteúdo espaço-temporal da ação: o lugar da ação. E esta evoca o sujeito que lhe comete.

A possibilidade da subversão situa-se, pois, no sujeito e valores sociais que fundamentam o seu *habitus*, no seu saber prático (BOURDIEU, 1999) que, ao mesmo tempo que reproduz, cria.

### **As lutas sociais e a questão da moradia**

As transformações no cenário geopolítico contemporâneo, e o rebatimento nas subjetividades, atribuem novos sentidos à moradia. Ganham visibilidade as evidências entre a moradia e a questão de gênero, a segregação socioespacial, a violência, a ação midiática, a exclusão social.

A rede de correlações ao mesmo tempo em que fragmenta, lança pautas comuns às lutas sociais em escalas planetárias. A mesma globalização neoliberal que invisibiliza os grupos minoritários, possibilita a projeção ampliada dos coletivos de luta.

De acordo com Svampa (2010), na América Latina, os movimentos sociais compartilham três frentes: a reafirmação da diferença, a luta pela terra e a reivindicação do território.

[...] en las últimas décadas, los movimientos sociales en América Latina se han multiplicado y han extendido su capacidad de representación, esto es, han ampliado enormemente su plataforma discursiva y representativa en relación a la sociedad: movimientos indígenas y campesinos, movimientos urbanos territoriales, movimientos sócio-ambientales, movimientos y colectivos glttb, en fin, colectivos culturales, dan cuenta de la presencia de un conjunto de reivindicaciones diferentes, configurando un campo multi-organizacional extremadamente complejo em sus posibilidades de articulación. Heterogéneos en sus demandas, al igual que en otras latitudes, los movimientos sociales nos transmiten una tendencia a la reafirmación de la diferencia y el llamado ao reconocimiento. Sin embargo, si la tendencia a reafirmar la primacia de la diferencia aparece como un rasgo global de los movimienos sociales, no es menos cierto que en América Latina, en los último tiempos, uno de los



## Building the way

problemas centrales y potencialmente unificadores es aquel de la tierra y del território.  
(2010, p. 4 e 5).

Os pilares das lutas sociais na América Latina – a diferença, a terra e o território – sustentam também as resistências em território do Cerrado Goiano. É o que move, por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Movimento Camponês Popular (MCP).

O Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto é uma extensão do MST, criada em 1997, cuja bandeira central é a reforma urbana. Entre os princípios do MTST, está a natureza territorial do movimento: é composto por trabalhadores de diferentes categorias (desempregados, temporários, terceirizados, trabalhadores por conta própria, etc.) que habitam as periferias do Brasil.

O caráter desigual da produção do espaço urbano, e a relação capital-trabalho, compõem o fundamento discursivo deste movimento, que reconhece um inimigo universal – o capitalismo –, e o “poder popular” como condição da autonomia dos trabalhadores.

Apesar de identificar-se como um movimento pela moradia, o MTST reconhece a interdependência entre a moradia e outras demandas sociais:

O direito à moradia digna é uma bandeira central do nosso movimento. Mas não é única: o trabalhador que não tem acesso ao direito de morar dignamente - o sem teto - também não tem o direito à educação, ao atendimento de saúde, ao transporte coletivo, à infra-estrutura básica em seu bairro e a muitas outras necessidades. (MTST, s/d, p. 4).

A criação do MTST não esgotou o tema da moradia na pauta do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Cabe a este, especialmente ao seu coletivo de produção, designado a propor ações de afirmação da moradia no campo.

A ação do MST está centrada na esfera do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), instituído no âmbito do Programa “Minha Casa, Minha Vida”, no ano de 2009. Com subsídios à construção e reforma de casas, o PNHR é gerido pela Caixa Econômica Federal em parceria com os municípios, sob a tutela do Ministério das Cidades. Para a execução do programa, há uma série de normativas que regulamentam o financiamento por faixa de renda, o tamanho das casas, as prioridades das contratações, os procedimentos de construção e reforma.



## Building the way

Em nota divulgada no Jornal Sem Terra<sup>7</sup>, Luciene Silvestre expôs a compreensão de moradia que fundamenta as ações do MST: a moradia é entendida como um aspecto de infraestrutura social, junto às escolas e às áreas de lazer. As condições de moradia aparecem como fatores da permanência das famílias nos assentamentos e de elevação da autoestima dos sujeitos.

O PNRH contempla também o Movimento Camponês Popular (MCP), instituído em 2008 no estado de Goiás. Representante de famílias camponesas, as três principais bandeiras de luta do movimento são: 1. Alimentação básica brasileira produzida pelo campesinato; 2. Estimular a produção e a adoção massiva de sementes, mudas e raças crioulas; 3. Criar territórios livres de transgênicos (MCP, 2016). Vê-se, portanto, a produção de alimentos como conteúdo transversal na política do MCP.

No que tange à moradia, o MCP propôs o projeto “Moradia Camponesa”, a partir de recursos dos Governos Estadual e Federal. O diferencial do projeto em curso é

[...] abarcar a totalidade da unidade camponesa, pois além da casa, o projeto propõe a melhoria da renda da família com a produção de sementes de variedades crioulas, da alimentação com a implantação ou melhoramento do pomar, hortaliças e do embelezamento com a jardinagem.

Além do enfoque moradia-agricultura, o MCP se esforça em valorizar a tônica político-pedagógica do processo de luta pela moradia, conforme as palavras da militante:

*Sandra: Uma casa boa, de qualidade e que não seja uma "caixa de fósforo" e onde as famílias de fato participem do processo, a partir de suas organizações, interessa a todos os movimentos. A moradia construída pelas organizações custa menos, a qualidade é melhor e o povo não é apenas um beneficiário, ele se torna ator do processo, entende, participa, luta...*

Na ocasião da entrevista, Sandra ressaltara o envolvimento e a emancipação das mulheres ao partirem de suas casas em direção à rua. Seus relatos apontam os conflitos de gênero camuflados nos espaços e ocasiões já consagradas da luta. Aliás, desconstruir o patriarcado tem sido uma pauta recorrente em movimentos sociais na América Latina, como evidencia por Zitle e Muñoz (2014).

Percebe-se, portanto, a diversidade implicada na luta pela moradia em território do Cerrado Goiano. Diversos são os públicos, as finalidades, as táticas.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://antigo.mst.org.br/jornal/281/estados>.

## **Cartografia de uma pauta coletiva**

A atual conjuntura política mundial, caracterizada por Svampa (2010) pela crise do consenso neoliberal, pela legitimação dos discursos críticos e pela emergência – estaríamos agora na decadência? – dos governos autodenominados “progressistas”, exige dos movimentos sociais a construção de uma pauta coletiva. Esta, porém, deve resguardar as particularidades econômicas, culturais, políticas e ideológicas dos diferentes grupos sociais.

Movimentos indígenas, camponeses, quilombolas, negros, feministas, estudantis, de trabalhadores ressignificam a luta popular. O que começou em 1994, com o Zapatismo (SVAMPA, 2010), complexifica-se e ganha dimensões planetárias.

A transnacionalização dos capitais, a expansão das fronteiras, a midiaticização dos territórios, a captura das subjetividades, o imperialismo do consumo. Comandos que, em macro escala, transformam a moradia em ativo financeiro do capital. Em escala intermediária – a da casa – impõem padrões arquitetônicos portadores de informações e raciocínios espaciais subservientes. E, em micro escala, fazem do morar um espaço de produção de subjetividades maquínicas, termo emprestado de Guattari e Rolnik (1986).

Do mesmo modo, complexo, dão-se as resistências. Invisibilizadas, moradias camponesas se diluem em periferias urbanas. Duplas moradias reivindicam a natureza, muitas vezes de forma edílica. Moradias coletivas reformulam os arranjos familiares. Moradas móveis costuram os territórios repartidos.

No apontamento de diretrizes para a construção de uma pauta coletiva (que só será possível mediante o diálogo nos próprios espaços de luta) no campo da moradia, sugere-se:

1. Reafirmação das diferenças: construção de espaços compatíveis às condições dos sujeitos (físicas, intelectuais, sexuais, raciais, de gênero, financeiras, religiosas, familiares etc.) e dos territórios;
2. Valorização da dimensão político-pedagógica da luta pela moradia: desconstrução do patriarcado e ações afirmativas de grupos minoritários;
3. Articulação das políticas públicas em diversas esferas da vida social (moradia, educação, saúde, transporte, segurança);
4. Resgate da ideia de moradia equivalente ao habitat: além da casa, o habitat como arranjo espacial “apropriável” pelos grupos sociais na elaboração de projetos de

### Building the way

desenvolvimento compatíveis às realidades territoriais – naquilo que compõem o seu “buen vivir” (BÓRQUEZ e RODRIGUEZ, 2014);

5. Indissociabilidade moradia-trabalho na proposição das ações.

### **Referências**

ALVES, Sandra A.; COSTA, Carmem Lúcia. *Resistir na Terra: a luta pela Moradia Camponesa no Movimento Camponês Popular – MCP*. XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária – Universidade Federal de Uberlândia. 2012. Disponível em: [http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais\\_enga\\_2012/eixos/1180\\_1.pdf](http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1180_1.pdf). Acesso em: setembro de 2015.

\_\_\_\_\_. *Entrevista concedida à Ana Carolina de Oliveira Marques*. Goiânia, 10 de agosto de 2016.

BÓRQUEZ, Luciano Concheiro; RODRÍGUEZ, Violeta Núñez. El “buen vivir” en México: ¿Fundamento para una perspectiva revolucionaria?. In: *Buena vida, buen vivir: imaginarios alternativos para el bien común de la humanidad* / Gian Carlo Delgado Ramos (coordinador). – México : UNAM, Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades, 2014. Disponível em: <http://computo.ceiich.unam.mx/webceiich/docs/libro/BuenaVida%20BuenVivir.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2016.

MARQUES, A. C. O.; CHAVEIRO, Eguimar F. O mundo do Cerrado Goiano: conflitos territoriais e disputas de imagens. In: Roberto Santos; Eliseu Lira; Manoel Calaça; Eguimar Chaveiro. (Org.). *TERRITÓRIO E DIVERSIDADE TERRITORIAL NO CERRADO: projetos regionais, cidades e conflitos socioespaciais*. 2. v. 2015.

MOVIMENTO CAMPONÊS POPULAR - MCP. *Nossa história*. Disponível em: <http://www.mcpbrasil.org.br/features/nossa-historia>. Acesso em: março de 2016.

Building the way

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM-TETO – MTST. *Cartilha de princípios*. Disponível em: <http://www.mtst.org/linhaspoliticaseorganizativas.pdf>. Acesso em: março de 2016.

SILVESTRE, Luciana. O significado da moradia nos assentamentos. In: **Jornal Sem Terra**. Disponível em: <http://antigo.mst.org.br/jornal/281/estados>. Acesso em: mar. 2016.

SVAMPA, Maristella. *Movimientos Sociales, matrices sócio-políticas y nuevos escenarios en América Latina*. OneWorld Perspectives, 2010. Disponível em: [https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:34-2010110334865/1/OWP\\_Working\\_Paper\\_2010\\_01.pdf](https://kobra.bibliothek.uni-kassel.de/bitstream/urn:nbn:de:hebis:34-2010110334865/1/OWP_Working_Paper_2010_01.pdf). Acesso em: março de 2016.

ZITTE, Guadalupe Cárdenas; MUÑOZ, Arturo Arreola. Deconstruir el Territorio Patriarcal. In: *La Jornada del Campo*. Carmen Lira Saade e Carlos Payán Verver (diretora geral e diretor fundador). n° 79 abr. 2014. Disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2014/04/19/delcampo.html>